

PARA ENTENDER O HUMOR DE MIGUEL PAIVA DO PONTO DE VISTA DA PRAGMÁTICA

Isaura Maria de Carvalho Monteiro
isaurammonteiro@uol.com.br

INTRODUÇÃO

A lingüística, particularmente nas últimas décadas, é uma das ciências que muito tem contribuído no estudo do humor. O humor como fenômeno tem sido objeto de investigação filosófica desde Platão e já foi documentado por muitas pesquisas em psicologia, antropologia, sociologia, entre outras.

Investigar o “achar graça”, numa tentativa de dissecar o processo em si mesmo, não tem graça nenhuma e, por essa razão, representa sempre um desafio acadêmico. Apesar da aridez da proposta de buscar a explicação do humor presente em quatro tirinhas de Miguel Paiva (publicadas periodicamente no jornal *O Globo*), tem-se a expectativa de que será possível permanecer com a sensação prazerosa de que o humor oferece (ainda que na dicotomia estudo sério x humor).

O que entra em jogo na interpretação de um enunciado para que o humor aconteça? Importante refletir sobre o processo comunicativo: as palavras são apenas as ferramentas iniciais para uma transformação que deverá resultar no entendimento. Um enunciado faz-se inteligível quando é anexado às palavras um contexto de situação, isto é, traços que vão caracterizar esse contexto: o lugar, os participantes, os propósitos, entre outros.

Ao observar a forma, sabe-se que, além do que é utilizado no enunciado como informação conhecida, há o não-dito, o que vai além do sentido convencional das palavras utilizadas, num processo que atua não só pela identificação do que já foi codificado, mas como uma atividade em que conhecimentos e envolvimento de diversas procedências vão entrar em ação por formas variadas.

A noção de contexto em lingüística percorreu um longo caminho que mostra vários sistemas como parceiros da comunicação da linguagem como situação de interlocução. Koch (2003, p. 33) mostra que

[...] a noção de contexto está no *cutting edge* [posição mais avançada – tradução nossa] de grande parte da pesquisa contemporânea sobre as relações entre a linguagem, cultura e organização social, bem como o estudo de como a língua(gem) é estruturada da forma como é.

O estruturalismo proposto por Saussure no início do século XX privilegia a descrição da língua, desconsiderando a importância da significação dos enunciados. Por esse motivo, floresceu, durante um longo tempo, uma linha dentro da ciência da linguagem que contribuiu para um não comprometimento com o significado lingüístico. Nos recentes anos, a Pragmática começa a apontar alguns mecanismos usados na comunicação que exigem muito mais do que um intercâmbio de significados. A Pragmática vai partir para uma análise da língua em uso e, conseqüentemente, especialmente de seus falantes, nas intenções e significações. O evento da fala, particular e único, torna-se o estudo norteador da Pragmática, que relaciona enunciado e contexto, que vai do implícito ao explícito. Ao entender que a fala não é precisa, afirma que é a relação a grande instauradora do significado, já que o significado convencional não é suficiente. E é com essa noção que neste estudo se pretende demonstrar o mecanismo lingüístico que envolve uma bem-sucedida interpretação do humor pela violação do Princípio de Cooperação de Grice e das Máximas Conversacionais (Grice, 1989).

Apesar do enfoque da teoria de Grice – norteadora do presente trabalho – situar-se-ão oportunamente algumas contribuições para o conhecimento do humor, como as de Raskin (1985), Attardo (1993) e Possenti (1998).

SIGNIFICADO-NN DE GRICE: UMA TEORIA DA COMUNICAÇÃO

Antes de tecer considerações sobre o Princípio de Cooperação de Grice (PC), faz-se importante ressaltar a idéia do filósofo ao distinguir significado natural e “[...] significado-*nn* (equivalente à noção de comunicação intencional) [...]” (Levinson, 2007, p. 19). Pela distinção entre os dois tipos de significado é possível perceber a comunicação como “um tipo complexo de intenção [...], que é realizada ou satisfeita simplesmente por ser reconhecida. [...]”.

O significado-*nn* foi assim caracterizado por Grice:

F quis dizer (*significado-nn*) ζ ao enunciar E se e apenas se:

(i) F pretendia que E causasse algum efeito ζ no receptor O

(ii) F pretendia que (i) fosse conseguida simplesmente pelo

Fato de O reconhecer esta intenção (i) (Levinson, 2007, p. 19, grifos do autor).

O significado-nn de Grice vai interessar à pragmática, pois é nesse reconhecimento de significado que o comportamento lingüístico inclui os implícitos (a ironia, o humor, as metáforas, etc.) e exclui aqueles que não desempenham nenhum papel especial na comunicação. Nesse sentido, tomando como referência o conceito do significado-nn de Grice, torna-se coerente definir os estudos pragmáticos como norteadores do desempenho do contexto no significado do falante.

TEORIA DE GRICE: O PRINCÍPIO DE COOPERAÇÃO

Avançando suas idéias no âmbito do significado lingüístico, Grice (1989), estabelece princípios que regulam uma conversação e que são analisados como esforços cooperativos: ações comuns entre falantes, com propósitos apresentando maior ou menor clareza de definição, de acordo com as diferentes proposições conversacionais. Grice denomina esse princípio de Princípio de Cooperação, uma espécie de guia geral nas conversações:

[...] faça sua contribuição conversacional como é requerida, no estágio em que ela ocorre, pelo propósito aceito ou pela permuta na conversa em que você está engajado. (Grice, 1989, p. 26, tradução nossa).

Não é possível, segundo Grice, que o ato comunicativo seja livre. Portanto, ele formula um conjunto de regras que têm como objetivo traçar leis para governar o ato comunicativo, onde falante e ouvinte “cooperam” através de quatro categorias fundamentais articuladas a máximas e submáximas:

Categoria da quantidade (relacionada à quantidade de informação).

Duas Máximas:

1. Faça com que sua contribuição seja tão informativa quanto requerido (para os propósitos correntes da conversação).

2. Não faça sua contribuição mais informativa do que é requerido.

Categoria da qualidade (relacionada inicialmente à supermáxima “Tente afirmar o que for verdadeiro”).

Duas máximas:

1. Não diga o que você acredita ser falso.

2. Não diga o que você não possa fornecer evidência adequada.

Categoria da relação (ligada a uma máxima):

1. Seja relevante (embora a concisão da máxima, Grice aponta algumas preocupações quanto a sua formulação, tais como os tipos de foco que mudam no curso de uma conversação).

Categoria do modo (ligada à supermáxima “Seja claro” - como o que é dito deve ser dito).

Várias máximas, entre elas:

1. Evite obscuridade de expressão.

2. Evite ambigüidade.

3. Seja breve (evite prolixidade desnecessária).

4. Seja ordenado.

Ao postular as regras do PC, Grice mostra racionalidade quando aponta objetivos centrais na comunicação. Como bem resume Levinson (2007, p. 127)

[...] essas máximas especificam o que os participantes têm de fazer para conversar de maneira maximamente eficiente, racional, cooperativa: eles devem falar com sinceridade, de modo relevante e claro e, ao mesmo tempo, fornecer informação suficiente.

O PRINCÍPIO DE COOPERAÇÃO, AS IMPLICATURAS E A VIOLAÇÃO DAS MÁXIMAS CONVERSACIONAIS

Ao analisar as máximas e o PC de Grice, é possível notar que o falante produz o que Grice denomina implicaturas, conceito que explica o que ocorre entre interlocutores e que também mostra condições passíveis de governar uma conversação permitindo identificar o que o falante diz. Ao estabelecer o referido conceito, propõe regras que permitem a um falante A transmitir além do significado convencional a um ouvinte B e fazer-se compreendido. No dizer de Levinson (2007, p. 141), pode-se estabelecer “[...] um padrão geral para calcular uma implicatura”:

- (i) F disse que p
- (ii) Não há razão para pensar que F não está observando as máximas ou, pelo menos, o princípio cooperativo
- (iii) Para que F diga que p esteja realmente observando as máximas do
- (iv) princípio cooperativo, F deve pensar que q
- (v) F deve saber que é conhecimento mútuo que q deve ser suposto para que se considere que F está cooperando
- (vi) F não fez nada para impedir que eu, o destinatário, pensasse que q
- (vii) Portanto, F pretende que eu pense que q e, ao dizer que p comunicou a implicatura q

Grice (1989) descreve as situações que produzem as implicaturas, mostrando a conexão existente entre elas (implicaturas), o PC e as máximas.

Primeira situação: violar uma máxima calmamente, sem ser ostensivo – *quietly and unostentously violate a maxim* (em alguns casos pode haver malentendidos).

A- Estou sem gasolina

B- Há um posto na próxima esquina.

Nesse exemplo, fica bastante clara a relação entre a fala de A e a de B. É possível entender que, no posto, A encontrará gasolina, pois não seria coerente nem cooperativo indicar o posto se não houvesse combustível no local.

Segunda situação: quando o falante parece violá-la – *opt out*, mas não o faz, colocando-se fora da esfera de atuação. A violação é aparente, logo, pode resultar em implicatura se o ouvinte acreditar (o que deve ser considerado um procedimento normal) que o falante obedece às máximas, ou então que não quer cooperar. Outro exemplo clássico é o pedido feito a um professor de filosofia de uma carta de recomendação para um de seus alunos, que pretende uma vaga para um curso de doutorado em filosofia. Assim diz a carta:

Sr. X assiste sempre as aulas, faz pontualmente todos os trabalhos e se expressa com propriedade.

É possível perceber que o professor não indica o grau de conhecimento do aluno em filosofia, como também não informa se o mesmo tem condições de acompanhar um curso de doutorado. Logo, o destinatário fará a implicatura que o Sr. X não possui os requisitos para freqüentar um doutorado em filosofia.

Terceira situação: o falante pode enfrentar uma situação de conflito – *he may be faced by a clash*, podendo haver um choque entre as máximas, o que não permitirá a realização de uma resposta precisa.

A- Que horas são?

B- Já é tarde.

Assim, se A pergunta a hora certa e B, embora não tenha os recursos para responder com exatidão, oferece uma resposta, ainda que vaga, A entende perfeitamente que B não teve condições de responder precisamente e posiciona-se diante da resposta.

Quarta situação: o falante pode violar a máxima deliberadamente – *he may flout a maxim*. A violação é ostensiva e espalhafatosa no dizer de Grice, além de deixar ao ouvinte o dilema de perceber ou não a observância do falante ao PC. Quando a implicatura é gerada desse modo, diz-se que a máxima está sendo utilizada – *exploited*

e, dessa forma, sempre resultará na implicatura denominada conversacional.

(Marido, pela quinta vez): Quando vamos comer, querida?

(Mulher): Quando esta pessoa que está corrigindo provas terminar tudo, se levantar da cadeira e ir à cozinha preparar o almoço.

A resposta da mulher, ao violar a máxima de modo (foi bastante prolixa), tem o objetivo de fazer o marido entender que a sua insistência a está desagradando profundamente.

Há que se notar o grande número de possibilidades oferecidas ao falante que opta por não observar as regras conversacionais ou por violar as regras intencionalmente, pois o humor é primordialmente um fenômeno interativo que se concretiza entre falante e ouvinte. Compreender os mecanismos que regem esse “jogo de parceria” implica considerar escolhas e efeitos que se manifestam no ato comunicativo. É justamente esse “jogo” que se pretende compreender a partir de quatro tirinhas de Miguel Paiva. Será apenas uma mostragem, pois sempre haverá possibilidade de acréscimo e discussão em uma análise interpretativa.

MIGUEL PAIVA E O GATÃO DE MEIA-IDADE

Miguel Paiva é um escritor humorista que aborda em seus trabalhos o comportamento, as relações afetivas e amorosas e os modismos da época. Criou o personagem Gatão de Meia-Idade em 1994, a partir de tirinha diária no Jornal do Brasil, passando mais tarde para o jornal O Globo, onde permanece até hoje.

A tirinha constitui-se num gênero textual, que, por sua composição, tem um modo estruturado em enunciados curtos, apresentados em balões representando as falas dos personagens, evidenciando-se o inter-relacionamento entre o verbal e o não verbal. Segundo Koch (2007, p. 109-110) “[...] do ponto de vista da composição dos gêneros, deve-se levar em conta a forma de organização, a distribuição das informações e os elementos não verbais: a cor, o padrão gráfico ou a diagramação típica, as ilustrações”. Quanto à temática, observa-se o humor presente no dia-a-dia, nos diferentes comportamentos, maneiras de sentir e de atribuir valores aos acontecimentos.

Em suas tirinhas, Miguel Paiva retrata o Gatão de Meia-Idade como um homem urbano quarentão, que já foi casado, tem uma filha, encontra-se separado, pronto para viver a liberdade da “solteirice”. Porém, na maioria das vezes, não sabe lidar muito bem com isso. As quatro tirinhas que serão analisadas fazem parte de uma série apresentada nos meses de abril e maio de 2007 na qual o humorista mostra casais de diferentes profissões em situações de conflito, sempre aproveitando a ilustração para uma ambientação apropriada no contexto.

A seguir, serão mostradas as tirinhas numeradas de um a quatro e, logo após, a análise interpretativa de cada uma delas:

<p>GATÃO DE MEIA-IDADE Miguel Paiva</p> <p>Um Amor de Profissão</p> <p>CASAL DE PROFESSORES</p> <p>PRESTA ATENÇÃO! NÃO PRESTA ATENÇÃO, VOCÊ!</p>  <p><small>miguelpaiva@uol.com.br www.blogdimguelpaiva.blogspot.com.br</small></p>	<p>GATÃO DE MEIA-IDADE Miguel Paiva</p> <p>Um Amor de Profissão</p> <p>UM PILOTO E UMA COMISSÁRIA</p> <p>APAGADO DE NOVO? VOU TER QUE ME CONTENTAR COM UMA BARRA DE CEREAL.</p>  <p><small>miguelpaiva@uol.com.br www.blogdimguelpaiva.blogspot.com.br</small></p>
<p>(1) O GLOBO, 26/04/2007</p>	<p>(2) O GLOBO, 24/04/2007.</p>
<p>GATÃO DE MEIA-IDADE Miguel Paiva</p> <p>Um Amor de Profissão A PEDIDOS</p> <p>CASAL DE PILOTOS</p> <p>VOCÊ VIVE NAS NUVENS!</p>  <p><small>miguelpaiva@uol.com.br www.blogdimguelpaiva.blogspot.com.br</small></p>	<p>Um Amor de Profissão</p> <p>CASAL DE ATORES</p> <p>AMO VOCÊ, LUZ DA MINHA VIDA. QUE CANASTRAÇÃO!</p>  <p><small>miguelpaiva@uol.com.br www.blogdimguelpaiva.blogspot.com.br</small></p>
<p>(3) O GLOBO 23/05/2007</p>	<p>(4) O GLOBO 01/05/2007</p>

TIRINHA NÚMERO 1: CASAL DE PROFESSORES

No diálogo realizado entre o casal de professores pode ser proposta uma implicatura em termos de desacato à máxima de modo, ligada à supermáxima “seja claro” – como o que é dito deve ser dito.

Na seqüência das falas, sendo a primeira a do professor – “presta atenção” – pode-se implicar que ela ouça e cale a boca. Seguindo, a professora repete a fala do professor, intencionalmente, acrescentada de uma negação, o que produz uma força ilocucionária em contradição ao enunciado de seu parceiro, num eco significativo que, apesar de não aclarar a compreensão, implica que o professor é que tem que ouvir e calar a boca. Conseqüentemente, a professora, não sendo clara propositalmente, pode levar o leitor da tirinha a uma implicatura subjacente, acrescentando certa ambigüidade à resposta: ao dizer – “não, presta atenção, você!” – implica que a palavra final é dela, acrescentando o viés masculino x feminino, já que o envolvimento é de um casal de professores, evidenciando um tema sempre presente nos trabalhos de Miguel Paiva. Afinal, quem é que tem que prestar atenção?

É justamente na transgressão do contexto conversacional que surge o humor – a fala do casal de professores torna-se um jogo de relações estabelecidas com os contextos e, dessa forma, provoca a graça (isso sem falar no desenho do quadro-de-giz ao fundo, a mesa em que o casal se apóia, lembrando a sala de aula, uma ilustração pertinente para a fala – “presta atenção!” - muito comum durante uma aula).

Dentro da proposta do trabalho, a título de contribuição para a compreensão do humor, poder-se-ia dizer que, segundo Raskin (1985), a graça contida na fala do casal poderia ser analisada pela noção de *script*, “[...] *the script is a large chunk of semantic information surrounding the word or evoked by it*”.⁸ (Raskin, 1985, p. 81).

⁸ [...] “o script é um grande baú de informação semântica envolvendo a palavra ou por ela evocada”. (Raskin, 1985, p. 81, tradução nossa).

TIRINHA NÚMERO 2: PILOTO E COMISSÁRIA

Essa tirinha de Miguel Paiva vem confirmar o dito de Posenti (1998, p. 25) onde o autor afirma que o discurso do humor passa invariavelmente por temas “socialmente controversos”, tais como sexo, política e racismo.

O humor “sexista” da tirinha já começa na parte gráfica, ao mostrar o casal na cama, sem roupas, apenas encoberto por um lençol. Na leitura da fala – “Apagão de novo?” – a comissária aparentemente não foi cooperativa ao escolher a palavra apagão. Logo, comunicou algo um tanto diferente da categoria semântica da palavra, construindo uma implicatura produzida pela ambigüidade, violando a máxima de modo – “seja claro”. É possível, então, perceber que o apagão (fato que ultimamente tem acontecido com muita frequência nos aeroportos - o não funcionamento e/ou cancelamento dos vôos) é utilizado pela comissária para implicar o fato de que ele, piloto, “falhou” na cama, o que é acentuado pela expressão – “de novo” – numa comparação com a frequência do apagão dos aeroportos e a frequência do “apagão” do ato sexual. A expressão “de novo” torna-se um ingrediente que reforça o humor, pois, a partir da expressão, instaura-se a implicatura de que a comissária já teve a oportunidade de vivenciar um momento como esse e que, conseqüentemente, essa não foi a primeira vez.

Também é possível perceber humor na parte da fala da comissária quando diz – “vou ter que me contentar com uma barra de cereal”. Ao procurar-se uma proposição relacionada e cooperativa do que a comissária está pretendendo comunicar, chega-se ao verbo “comer”, implicando que, ao contentar-se em “comer” a barra de cereal, demonstra que não foi “comida”, nem “comeu” o seu parceiro, linguagem informal bastante utilizada no referido contexto. Foi violada a máxima de modo, pois o ato de contentar-se com a barrinha não fica claro, permitindo fazer-se a implicatura que acaba de ser comentada.

Como foi analisado, a “falha sexual” implicada provoca o humor na leitura, mais uma vez afirmando com Possenti (1998) que o humor sexista repete estereótipos, no caso da tirinha, a não realização do ato sexual por algum tipo impedimento (um domínio discursivo “quente”, segundo o referido autor).

TIRINHA NÚMERO 3: CASAL DE PILOTOS

Seguindo a característica do gênero em análise quanto à estruturação em enunciados curtos, essa tirinha apresenta apenas uma pequena fala, porém, o que se destaca nessa composição é o imbricamento entre o verbal e o não-verbal.

É justamente esse imbricamento, essa relação entre a fala do piloto e o que envolve a ilustração e todo o contexto do avião é o que vai resultar numa ambigüidade deliberada. O que o leitor precisa descobrir é porque o piloto escolheu a palavra nuvem. A interpretação acontece pela quebra da máxima de modo – “seja claro” – como o que é dito deve ser dito, perpassando a máxima – “evite ambigüidade”.

No que diz respeito à compreensibilidade menos freqüente, a fala – “você vive nas nuvens” – pode implicar que a companheira vive num mundo de sonhos, fora da realidade. Se o leitor fizer apenas a observação direta, vai relacionar – “você vive nas nuvens” com a cena mostrada graficamente na tirinha, onde aparece o desenho das nuvens que são vistas pelo interior do avião em cujo comando está o casal.

O humor situa-se ao ser feita a implicatura de que viver nas nuvens é sonhar e que, portanto, a mulher vive sonhando. O piloto, ao explorar voluntariamente a ambigüidade da expressão “viver nas nuvens”, aplicada a sua companheira, que também é piloto, acentua o objetivo de implicar a possibilidade de ela ser bastante “aérea”, não viver nunca no chão, sempre no ar, aumentando ainda mais a intensidade do humor na tirinha.

TIRINHA NÚMERO 4: CASAL DE ATORES

Essa tirinha é um exemplo característico que envolve um procedimento pelo qual o falante abandona a máxima com o propósito de obter uma implicatura conversacional.

A fala do ator – “amo você, luz da minha vida” – contém falsidade categorial, isto é, não é exatamente isso que o falante está tentando comunicar. Logo, pelo abandono da máxima de qualidade – não diga o que você acredita ser falso – pode-se implicar que a atriz, de alguma forma, assemelha-se à substância mencionada luz.

Miguel Paiva, ao produzir as falas, constrói o humor, combinando a metáfora da luz com a resposta da atriz – “que canastrão!” – onde se percebe uma implicatura em que o “fingimento” do ator pode ser interpretado como – “você é um mentiroso, como posso ser igual ao sol que brilha todos os dias?” Além disso, a palavra canastrão, que no contexto teatral significa ator ruim, reforça a interpretação, aumentando também o humor, pois, além de faltar com a verdade, o faz muito mal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelas reflexões realizadas e pela análise das tirinhas pode-se pensar no humor como um fenômeno interativo, pois para compreendê-lo é preciso que haja um equilíbrio entre falante e ouvinte, entre aquele que pretende e aquele que entende. Para isso é preciso observar a linguagem verbal do ponto de vista dos participantes, o que implica considerar as escolhas que fazem e os efeitos que provocam, pois o humor manifesta-se num contexto em que a comunicação é crucial.

Ao pesquisar sobre a Teoria de Grice é possível observar que, apesar dos códigos que regem uma interação comunicativa, o humor mostra-se transgressor. As marcas dessa postura transgressora mostraram-se evidentes nas tirinhas analisadas, onde muitas vezes o humor ultrapassou as fronteiras do comum e da normalidade.

Também torna-se fundamental perceber que, apesar da intencionalidade transgressora, o humor encerra um processo cooperativo.

Alguns pesquisadores do humor, podendo-se citar Attardo (1993), polemizam a teoria de Grice quanto à violação das máximas no humor, tentando provar que, se há violação, não pode haver comunicação. Porém, o que se pode notar é que o humor, na maioria das vezes, é bem sucedido; se é bem sucedido, apesar da violação das máximas, as regras funcionam. Mas, ainda citando Attardo, pode-se dizer que “[...] *research in the discursive functions of joking is only beginning [...]*”⁹

⁹ “pesquisa sobre funções discursivas de piadas está apenas começando” (Attardo, 1993, p 556, tradução nossa).

REFERÊNCIAS

- ATTARDO, S. Violation of conversational maxims and cooperation. The case of jokes. *Journal of Pragmatics*. North Holland, 19, 1993.
- GRICE, H. P. *Studies in the way of words*. USA: Harvard University Press, 1989.
- KOCH, I. V. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2003.
- . *Ler e compreender os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2006.
- LEVINSON, S. C. *Pragmática*. Tradução: Luís Carlos Borges e Aníbal Mari. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- POSSENTI, S. *Os humores da língua. Análise lingüística de piadas*. Campinas: Mercado de Letras, 1998.
- RASKIN, V. *Semantic mechanisms of humor*. Dordrecht, Holland: Reidel Publishing Company, 1985.